
Plataformização do trabalho jornalístico na modalidade *home office* durante a pandemia da Covid-19 no Ceará¹

Mayara de ARAÚJO²

Rafael COSTA³

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

Uma das linhas de força das transformações pelas quais o jornalismo passa nos dias atuais são os processos de plataformização (BARROS et al, 2021; GROHMANN, 2020). Esse fenômeno adquire centralidade no trabalho de jornalistas em virtude da crescente dependência de plataformas digitais para a realização de diferentes atividades inerentes às rotinas de produção, seja em ambientes mais notadamente hegemônicos, seja em arranjos independentes de jornalismo (COSTA et al, 2020). Neste artigo, discutimos como jornalistas cearenses atuantes em redações percebem a plataformização de suas práticas em face da adoção da modalidade *home office* durante a pandemia da Covid-19. Metodologicamente, trata-se de um estudo qualitativo de caráter exploratório, que coteja evidências de pesquisa de doutorado em andamento (ARAÚJO, no prelo) e dados sobre o trabalho de jornalistas na pandemia (FÍGARO et al, 2021), bem como aportes do Perfil do Jornalista Brasileiro (LIMA, 2021). Os resultados permitem inferir que as adaptações necessárias ao modelo *home office*, entre elas a adoção sistemática de plataformas para a realização do trabalho jornalístico, foram acentuadas e apontam para um aprofundamento da precarização do trabalho dos(as) profissionais cearenses.

PALAVRAS-CHAVE: plataformização; jornalismo; trabalho; *home office*; Ceará.

Introdução

"Creio que o trabalho remoto é algo que veio para ficar." Com essas palavras, um(a) profissional jornalista, em depoimento para a pesquisa de Araújo (em fase de elaboração), expressa uma percepção corroborada tanto pela experiência concreta quanto pela visada científica. A inevitabilidade da mediação proporcionada por tecnologias digitais para a realização de atividades de trabalho se consolidou no campo

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Trabalho, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFC e professora dos cursos de Economia Criativa do Centro Universitário Estácio do Ceará, e-mail: mayaradearaujo.ufc@gmail.com.

³ Doutor em Linguística pela UFC e professor do Curso de Jornalismo da UFC, e-mail: rafaelrg@ufc.br.

profissional da comunicação, a exemplo do que tem ocorrido em muitas outras áreas de atividade humana. As plataformas digitais, a pretexto de facilitarem relações interpessoais, têm se revelado suficientemente capazes de reorganizar o tempo e o espaço das práticas laborais, instituindo uma lógica própria na qual os dados dos usuários são convertidos numa forma de valor.

Esse processo de "plataformização do trabalho" (GROHMANN, 2020) se espraia, como dito, pelas atividades de comunicação, não excluindo o jornalismo, que é confrontado com problemáticas como as incertezas relativas aos modelos de rentabilização, a adequação de diretrizes editoriais aos formatos e circunscrições das plataformas e — objeto de nosso interesse nesta investigação — as implicações da adoção das plataformas percebidas pelos(as) trabalhadores(as) em relação a seu trabalho.

Tal quadro de relações, que por si só permitiria posicionar o jornalismo no centro de uma crise multidimensional (CHRISTOFOLETTI, 2019), parece ter sido agravado ou acelerado pelas imposições trazidas pela pandemia da Covid-19⁴. A necessidade de isolamento social, sobretudo nos anos de 2020 e 2021 no Brasil, aliada à percepção consolidada da essencialidade do jornalismo em contextos de infodemia e negacionismo (POSETTI E BONTCHEVA, 2020), colocou para as instituições jornalísticas o desafio de manter a produção de informação — um trabalho inequivocamente coletivo e relacional — a partir de novas guias sanitárias que preconizavam o distanciamento entre pessoas.

Assim, a modalidade de trabalho em *home office* se apresentou como uma espécie de laboratório de confirmação das tendências à plataformização já verificadas antes da pandemia. Uso extensivo de mensageiros, salas de reunião e repositórios de informação mediados por conglomerados de tecnologia passaram a integrar, de forma decisiva, o cotidiano de jornalistas confinados(as) em suas residências, nem sempre dispendo de infraestrutura adequada para a realização de seu labor, não obstante a intensificação das demandas a eles(elas) direcionadas.

⁴ Doença respiratória aguda, causada pelo coronavírus SARS-CoV2, identificada primeiramente em Wuhan, na China, em dezembro de 2019 e mundialmente disseminada. Até a escrita deste artigo, a Covid-19 já fez mais de 6,3 milhões de vítimas fatais no mundo.

A partir da experiência relatada por 34 profissionais jornalistas atuantes no Ceará⁵, propomos esta investigação, cujo objetivo é discutir como jornalistas cearenses que trabalham em redações percebem a plataformização de suas práticas em face da adoção da modalidade *home office* durante a pandemia da Covid-19. Para isso, empreendemos inicialmente uma reflexão sobre a plataformização do trabalho e do jornalismo, bem como acerca das nuances da modalidade de trabalho *home office*. Em seguida, explicitamos as decisões metodológicas da pesquisa e apresentamos uma análise de dados, que coteja evidências documentais e bibliográficas.

Plataformização do trabalho e do jornalismo

Em maio de 2021, a 5ª turma do Tribunal Superior do Trabalho (TST) deliberou que não existe relação de emprego entre a plataforma Uber e os motoristas que nela atuam no Brasil (SENRA, 2021). Essa decisão ilustra como novas configurações da realidade concreta do mundo do trabalho têm sido normalizadas num país com altos índices de desigualdade e desemprego. Aspectos como a generalização de trabalho por demanda (*just in time*), cerne do modelo de negócio de empresas como a Uber, são sintomáticos das formas assumidas pelo capital para extração de valor em contextos fortemente mediados pelas tecnologias em rede. A isso, somam-se outros elementos que incidem sobre as atividades de trabalho como um todo, a exemplo da flexibilização de contratos, a ampliação de vínculos de natureza parcial ou de prestação de serviços e a gradual redução das garantias sociais ofertadas aos trabalhadores (BARROS et al, 2021; ABÍLIO, 2020).

Em face de tal conjuntura, as plataformas assumem um papel central para mediar, a partir das suas lógicas de obtenção e tratamento algorítmico de dados, não apenas o trabalho, mas uma série de atividades humanas. Não à toa, Poell, Nieborg e Van Dijck (2020, p. 2) definem plataformização como um processo de "penetração de infraestruturas, processos econômicos e estruturas governamentais das plataformas digitais em diferentes setores econômicos e esferas da vida". Casilli e Posada (2019), por sua vez, propõem, que o processo de plataformização também incide sobre o mundo

⁵ Como parte de sua pesquisa doutoral, a pesquisadora Mayara de Araújo, uma das autoras deste estudo, aplicou um formulário em outubro de 2020, com questões relativas às modalidades de trabalho durante a pandemia. Esse procedimento será melhor detalhado na seção de decisões metodológicas.

do trabalho. Nesse sentido, Grohmann (2020, p. 112) concebe a plataformização do trabalho como

a dependência que trabalhadores e consumidores passam a ter das plataformas digitais – com suas lógicas algorítmicas, dataficadas e financeirizadas – em meio a mudanças que envolvem a intensificação da flexibilização de relações e contratos de trabalho e o imperativo de uma racionalidade empreendedora (DARDOT; LAVAL, 2016) como vias de justificação dos modos de ser e aparecer do capital.

A dependência descrita por Grohmann suscita implicações no mínimo ambivalentes para os sujeitos em atividade de trabalho. A primeira edição do relatório do projeto Fairwork no Brasil (FAIRWORK, 2021) mostra que as maiores plataformas atuantes no Brasil (Ifood, 99, Uber, Get Ninjas, Rappi e Uber Eats) falharam em garantir direitos trabalhistas básicos para seus trabalhadores, tais como remuneração, condições de trabalho e contratos justos para essas pessoas — apenas no setor de entregas, eram 278 mil trabalhadores conforme dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), relativos a 2021.

Tais constatações sugerem que a inserção das plataformas nas atividades de trabalho não é um processo uniforme, tampouco consensual. Enquanto as investigações do campo apontam uma variedade de tipos de plataforma de trabalho — desde aquelas que requerem a presença ou deslocamento físico do trabalhador, como as plataformas de entrega, até aquelas de microtrabalho ou macrotrabalho, em que os sujeitos são remunerados por tarefas em geral realizadas num ambiente digital controlado (GROHMANN, 2020) — são também diversas as possibilidades de trabalho nas plataformas, considerando que os trabalhadores podem depender mais ou menos dessas infraestruturas, em razão do tipo de trabalho realizado.

Esse parece ser o caso de muitas atividades de comunicação, entre elas diversas rotinas de produção jornalísticas descritas pelos sujeitos desta investigação. O Perfil do Jornalista Brasileiro 2021 revela que 61,5% dos profissionais atuantes na mídia⁶ trabalhavam em algum meio *online*. A função "gestor de mídias sociais" está entre as mais mencionadas pelos informantes, com ocorrência em 2,7% das respostas — há

⁶ A pesquisa contempla, além de jornalistas atuantes na mídia, jornalistas fora da mídia e profissionais da docência.

ainda outras funções relacionadas a plataformas mencionadas como resposta à pergunta que solicitava do respondente a descrição de sua função (LIMA, 2021).

Dados como esses indicam a centralidade das tecnologias em rede para o exercício profissional do jornalista brasileiro. Em se tratando da atuação de veículos jornalísticos, as infraestruturas geridas pelas *big techs* têm sido um destino preferencial de parte significativa do trabalho dos profissionais, sendo essa uma dimensão peculiar para um entendimento do fenômeno da plataformização do campo. Barros et al (2021) indicam a existência de pelo menos três nuances de plataformização do trabalho jornalístico: a) dependência dos próprios veículos midiáticos em relação às plataformas digitais globais; b) dependência dos trabalhadores freelancer em relação a plataformas de macrotrabalho como 99 Designs e Helpie, com suas lógicas específicas; c) dependência de trabalhadores que produzem conteúdo para plataformas como o YouTube.

No contexto de trabalho jornalístico em *home office* objeto deste relato, a intensificação do uso de plataformas se deu de maneira concomitante à adequação de infraestruturas de propriedade das instituições para os ambientes domésticos, conforme discutiremos mais adiante. Desse modo, consideramos cabível postular a existência de uma nuance ausente do estudo de Barros et al (2021), qual seja, a dependência de ferramentas, como mensageiros, salas de reunião e suítes colaborativas, para a realização de etapas do trabalho jornalístico que podem estar centralizadas ou subsumidas a infraestruturas de propriedade da instituição, como intranets, sistemas de publicação ou de produtividade.

Trabalho em *home office*

A reforma trabalhista aprovada no Brasil em 2017 introduziu na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) um capítulo referente ao teletrabalho ou trabalho remoto — também denominado de *home office*. A legislação define o teletrabalho como a prestação de serviços preponderantemente fora das dependências do empregador, com a utilização de tecnologias de informação e de comunicação, desde que não se configurem como trabalho externo (BRASIL, 2017). Apesar do ordenamento jurídico prever dispositivos para a garantia de direitos dos cidadãos nessa modalidade de trabalho, são

muitos os tensionamentos e novos riscos perceptíveis no trabalho remoto, tais como o custeio de infraestrutura para a realização de atividades, o controle de jornada, a promoção da saúde do trabalhador, entre outras questões.

A necessidade de distanciamento social instaurada pela pandemia da Covid-19 transformou as casas de muitos trabalhadores em estações de trabalho remoto ou híbrido. Segundo o Perfil do Jornalista Brasileiro 202, 61,3% dos jornalistas executaram sua atividade principal em casa nos seis meses anteriores ao período de aplicação da pesquisa, que ocorreu entre agosto e outubro de 2021 (LIMA, 2021). Com isso, incertezas, perigos e novas demandas entraram na agenda dos trabalhadores, empresas e instituições.

Não menos importante, a interseção entre trabalho e pandemia reiterou as desigualdades do tecido social brasileiro. Goes et al (2020) destacam, por exemplo, que a população negra representa a maioria dos casos e mortes de Covid-19 em diversas localidades, contudo são a população menos testada. A propósito da pandemia nos EUA, Laster Pirtle (2021), por sua vez, apresenta a proposição de um capitalismo racial como causa fundamental das desigualdades raciais e socioeconômicas dentro da pandemia de coronavírus naquele país.

Confrontados com esse cenário, muitos profissionais da comunicação, em face da essencialidade de seu trabalho, enfrentaram toda sorte de desafios para seguir cumprindo suas atividades. Para Fígaro et al (2021), a pandemia representou a radicalização de transformações produtivas que já se insinuam no horizonte do trabalho desde o final dos anos de 1990, intensificando os danos ao tempo de vida e à saúde emocional dos trabalhadores. Nesse sentido, o trabalho remoto e a dependência das plataformas digitais para a realização das atividades de trabalho ganharam espaço em 2020 e 2021, convivendo com a manutenção de trabalhadores, em especial jornalistas, na linha de frente da obtenção de informações sobre a pandemia. A Federação Nacional dos Jornalistas contabilizou, até março de 2022, 314 mortes de jornalistas durante a pandemia, o que representa uma morte a cada dois dias (FENAJ, 2022).

A investigação do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT/USP) acerca dos impactos da pandemia no trabalho de comunicadores (FÍGARO et al, 2021) oferece nuances quantitativas e qualitativas para o entendimento do trabalho em *home office*. O estudo destaca a ambivalência dessa modalidade de trabalho, bem como os

fortes impactos que a realização de atividades laborais em ambientes domésticos tiveram nos trabalhadores, com ênfase nas mulheres. Solon et al (2020) e pesquisa realizada pela Fenaj em 2020 revelam o fenômeno da invisibilização da sobrecarga de gênero, que penaliza, em especial, mulheres que são mães e se submetem a condições de trabalho abusivas e adoecedoras, comumente somadas ao acompanhamento escolar dos filhos e à manutenção dos afazeres domésticos.

Para os comunicadores, o trabalho remoto, realizado em casa, é uma condição contraditória, pois, ao passo em que garante segurança contra o risco de contágio pela Covid-19, impõe aos trabalhadores, sobretudo às mulheres, o dilema da conciliação das atividades produtivas com o trabalho de cuidados do lar e da família. (...) Qualitativamente, o trabalho remoto, para os comunicadores, têm significados contraditórios: solidão; constrangimentos; adoecimentos emocionais; flexibilidade de horários; proximidade familiar; qualidade de vida; inovação etc., impactando suas vidas de diferentes formas. (FÍGARO et al, 2021, p. 143)

O trabalho em *home office* foi incorporado às rotinas de uma quantidade expressiva de profissionais da comunicação, conforme a referida pesquisa. Dentre os 56 respondentes residentes no Ceará, 67,8% deles, ou 38 profissionais, afirmam ter trabalhado em *home office* puro, isto é, sem alternância com atividades de natureza presencial. Esse dado se aproxima dos 62% de jornalistas respondentes à pesquisa do Perfil do Jornalista Brasileiro que afirmam ter trabalhado em *home office* nos seis meses anteriores à aplicação da pesquisa (que ocorreu entre agosto e outubro de 2021).

A intensificação do ritmo de trabalho e o adoecimento dos profissionais cearenses surgem, nos dados da pesquisa, quase como condições inerentes ao confinamento em razão da pandemia. Mais da metade dos respondentes residentes no Ceará (51,7%, ou 29 sujeitos) relata ter vivenciado um ritmo de trabalho pouco ou muito mais pesado. Já os respondentes nordestinos na mesma situação chegam a 59,6%. A maioria dos respondentes nessas circunscrições geográficas também alega ter ampliado despesas financeiras com trabalho. Como resultado, 71,4% dos respondentes cearenses (em números absolutos, 40 sujeitos) declara ter adoecido na pandemia, um índice levemente maior que aquele aferido no Nordeste (67,3%) e no Brasil (68%). As enfermidades mais comuns dentre os informantes cearenses são ansiedade (33 de 56 respondentes, ou 58,9%), esgotamento mental (31 de 56 respondentes, ou 55,3%) e

problemas com sono (26 de 56 respondentes, ou 46,4%). Esses também são os problemas de saúde mais recorrentes entre todos os respondentes da pesquisa no Brasil.

Os recortes regionais dos dados da pesquisa do CPCT/USP indicam que os comunicadores tiveram impactos dolorosos no transcurso da pandemia, do ponto de vista da saúde, e arcaram com o ônus financeiro do trabalho remoto. A essencialidade do trabalho desses profissionais, contudo, foi reafirmada, o que sugere um senso de propósito social para as atividades que desempenham.

Decisões metodológicas

Esta investigação é um estudo qualitativo de feição exploratória. Trata-se de um esforço inaugural de interpretação de evidências colhidas para pesquisa de doutorado de Mayara de Araújo, atualmente em andamento. Costa (informação verbal⁷) já havia apresentado inferências preliminares acerca desses dados, além de cotejar evidências do Nordeste e do Ceará obtidos diretamente da base de dados da pesquisa "Como trabalham os comunicadores no contexto de um ano da pandemia da Covid-19?" (FÍGARO et al, 2021), bem como aportes do Perfil do Jornalista Brasileiro (LIMA, 2021). Aqui, buscamos vislumbrar os contornos do fenômeno da plataformização em ambientes de produção jornalística *home office* a partir desse mesmo conjunto de evidências.

Implementada de setembro a dezembro de 2020, a pesquisa intitulada "Modalidades de trabalho em jornalismo durante a pandemia de Covid-19" é do tipo formulário, com 63 perguntas objetivas e subjetivas, divididas em quatro seções. A primeira, destinada a todos(as) os(as) respondentes, contém perguntas gerais (gênero, cor/etnia, faixa etária, veículo em que trabalha etc.) e já direcionadas à modalidade de trabalho exercida durante o período; a segunda foi voltada apenas para profissionais que vivenciaram a experiência do trabalho em casa; a terceira, apenas sobre adaptações feitas para a realização do *home office*; e a última seção foi direcionada exclusivamente para profissionais que permaneceram na modalidade presencial durante a primeira onda da Covid-19.

⁷ Palestra "Essenciais, porém precarizad@s" no I Encontro de Jornalistas do Nordeste, no dia 20 de novembro de 2021.

Foram 34 respondentes, 16 homens e 18 mulheres. 47,1% de brancos, 44,1% pardos(as) e 8,8% negros(as), totalizando, portanto, maioria de pardos(as)/negros(as): 52,9%. Desse total, 26 pessoas trabalham para o Sistema Verdes Mares (SVM) e oito para o Grupo O Povo de Comunicação, 33 deles na capital do Estado, Fortaleza, e apenas uma na cidade de Juazeiro do Norte, onde se localiza uma afiliada do SVM. Neste relato de pesquisa, eles são identificados por meio de etiquetas (Jornalista 1, Jornalista 2 e assim por diante), de modo a manter o anonimato das identidades dos respondentes.

Quanto ao tempo de trabalho na empresa, a pesquisa mostrou-se bastante diversa: seis profissionais afirmaram ter no máximo um ano como empregados no veículo citado, e outros seis já têm mais de 10 anos de casa. A maioria (29,4%), no entanto, possui entre 1 e 3 anos de tempo de serviço na atual empresa. São, em sua maioria, repórteres (19) e editores (7), seguidos de estagiários (5). No período de resposta aos formulários, a maioria (41,2%) já havia retornado ao regime presencial, mas 10 jornalistas ainda estavam em rodízio redação-casa e 10 integralmente em *home office*.

Análise de dados

Como antecipamos, a pesquisa “Modalidades de trabalho em jornalismo durante a pandemia de Covid-19” indica que, além da dependência dos veículos midiáticos analisados a plataformas digitais globais (como Facebook, Instagram e Twitter), o trabalho jornalístico em *home office* só se torna possível a partir da adesão dos(as) trabalhadores(as) a diversos sistemas contratados pelas empresas de comunicação e coordenados pelas equipes de TI. Durante o período, superiores, colegas de trabalho e fontes foram contactados(as) a partir delas.

As mais citadas para acessar editores e colegas foram os aplicativos de mensagens (94,1%, whatsapp e telegram), seguidos de e-mails (82,4%) e chamadas de vídeo (76,5%); para as fontes, acrescenta-se além das já citadas anteriormente, o contato telefônico (93,8% dos(as) respondentes). 27 respondentes mencionaram Zoom, Google Meet e Teams como plataformas incluídas ao repertório de ferramentas de trabalho pós adesão ao *home office*. Aqui, chama atenção o fato de que produtos pertencentes a *big*

techs como Google e Microsoft passaram a habitar as práticas de instituições jornalísticas de renome — neste caso, na forma de soluções de infraestrutura tecnológica.

Parte significativa dessa amostra de respondentes (17 deles) também relata a utilização de plataformas de redes sociais como mediadoras do contato com fontes jornalísticas. Mais uma vez, plataformas proprietárias como Instagram e Facebook se fazem presentes, reafirmando uma convicção já presente em estudos do campo (BELL et al, 2017; JURNO, 2020; BARROS et al, 2021): a de que as plataformas assumem, além do papel de retaguarda tecnológica, uma posição editorial, forçando as instituições jornalísticas a se moldar às suas lógicas, seja na produção e na circulação de conteúdos, ou ainda na rentabilização dos modelos de negócio.

A intensificação do uso de plataformas e a ampliação em número dessas ferramentas traz, a princípio, dificuldades na organização do fluxo de trabalho, como relata o(a) Jornalista 6: “Até que as plataformas necessárias para publicar e editar matérias no online impresso fossem organizadas pela gestão e equipe de TI para uso no *home office*, tivemos vários problemas”. Essa dependência tecnológica acentuada pelo isolamento escancara um dos principais vilipêndios ao(à) trabalhador(a) instituído pela flexibilização e aprofundado na plataformização: o custeio dos meios de produção pelos(as) próprios(as) profissionais.

Em 2020, durante a primeira onda da pandemia de Covid19, o relatório cearense (COSTA; SILVA, 2020) já apontava 81,6% de trabalhadores(as) proprietários(as) dos equipamentos utilizados. No relatório nacional colhido pelo CPCT, um ano depois, 61% dos(as) respondentes afirmou ter percebido um aumento de despesas relacionadas ao trabalho durante a pandemia, sobretudo na conta de energia elétrica, na alimentação e nos gastos com internet.

A pesquisa analisada confirma esse panorama. Observamos o estabelecimento de desigualdades entre trabalhadores(as) de mesmo cargo: repórteres que precisaram comprar notebooks, ampliar a rede de internet doméstica, rotear o 4G do próprio celular, entre outros casos. Quando perguntados sobre que adjetivos resumem o período em *home office*, o termo "improvisação" foi o segundo mais citado, com 20 menções, justamente em referência às mudanças feitas no ambiente doméstico para a realização do trabalho.

Dos(as) 34 respondentes, quase metade (16) considerou ter exercido plenamente suas funções, mas à custa de muitas adaptações. Oito jornalistas consideraram que exerceram suas funções apenas parcialmente, mesmo após adaptações. Essa necessidade de transformações para o trabalho em *home office* durante a pandemia é respaldada pelo Perfil do Jornalista Brasileiro 2021. Quase metade dos/as respondentes (47%) indicaram que, considerando os seis meses anteriores à aplicação da pesquisa, a sua infraestrutura de trabalho foi custeada por ele(a) mesmo(a). Esse índice é notadamente maior que o de respondentes cujos custos de infraestrutura foram bancados pela empresa em que trabalham (33,5%), o que, na análise do Perfil, indica diminuição dos custos de produção do empresariado (LIMA, 2021, p. 87).

No entanto, a modalidade *home office* não é plenamente descartada pelos(as) jornalistas quando se projeta o futuro. Quando questionados se aceitariam permanecer em *home office* se a possibilidade lhes fosse oferecida, 76,7% disseram sim, 46,7% sob condições específicas - as mais citadas foram: ajuda de custos e respeito aos limites de horários.

Observamos haver uma maior adesão dos(as) jornalistas a uma possível modalidade mista de trabalho. 67,6% dos(as) jornalistas acreditam que as mudanças adotadas durante o período pandêmico podem se tornar permanentes. Os aspectos mais citados foram: reuniões, trabalho remoto em plantões e uso de plataformas de videoconferência para entrevistar fontes. O depoimento a seguir ilustra bem o pensamento dos(as) participantes em relação ao futuro:

Acredito que cada vez menos será pedido que o repórter saia da redação para apurar. Isso era uma coisa que já acontecia antes da pandemia, com repórteres e estagiários apurando tudo de dentro da redação, por telefone e pela internet. Mas agora acredito que vai ficar cada vez mais forte. Para mim, há desvantagens e vantagens nisso. Apesar de ficarmos mais seguros dentro da redação ou no *home office*, **há características da apuração na rua que engrandecem muito as matérias**. Além disso, como não precisamos nos deslocar para nada, o trabalho fica muito mais intenso, sem tempos de pausa ou descanso, já que não há necessidade de ir até a fonte, apenas ligar ou mandar mensagem e receber respostas instantâneas (Jornalista 12. Grifo nosso)

O trecho destacado aponta um dos principais recuos dos(as) participantes em relação ao *home office*. O trabalho presencial não só é entendido como a forma mais segura e responsável de organizar o fluxo de trabalho e as tomadas de decisões, mas

também assume um peso de valor jornalístico, como se o contato presencial com as fontes e com os acontecimentos fosse inerente à atividade laboral:

Em decorrência da natureza da atividade jornalística **não há como exercê-la plenamente** em um contexto tão atípico como a pandemia (...) as **entrevistas presenciais ainda não são possíveis, o que compromete a integralidade do meu trabalho**. Mesmo ciente que antes da pandemia, a realização de entrevistas e apurações presenciais, há anos têm o exercício reduzido na redação. Ainda assim, tenho consciência que esse é um ponto insubstituível e não foi contemplado por qualquer que seja a adaptação (Jornalista 4. Grifos nossos).

A análise dos dados desta pesquisa autoriza apontar a complexidade das transformações nas rotinas de produção dos jornalistas cearenses durante a pandemia. Ao mesmo tempo em que o *home office* e a maneira como foi implementado têm aceitação entre parte relevante dos respondentes, muitos consideraram bem-vindo o retorno às atividades presenciais como um ganho de qualidade na produção, já que, como indica o relato do(a) jornalista 27, o contato apenas via plataformas com colegas de trabalho e editores(as) “fez com que as pautas demorassem um pouco a sair, houvesse sobreposição de informações e até necessidade de redirecionamento da pauta, muitas vezes, ao fim do expediente”.

Além disso, vale mencionar a relação entre presencialidade e sociabilidade do(a) trabalhador(a). Dos(as) 34 participantes da pesquisa, 19 marcaram o termo “saúde” para adjetivar o período em *home office*, revelando o que se entende como a relação contraditória do trabalho: a atividade laboral é, sob a égide capitalista, expressão de exploração e precarização, mas, ao mesmo tempo, elemento importante da formação subjetiva dos indivíduos. Fonte de sustento, cansaço, mas também prazer.

No primeiro momento foi interessante a experiência [do *home office*], mas com o passar dos dias, semanas e meses foi se tornando angustiante. A redação é um ambiente dinâmico e quem se identifica com isso sente falta na solidão em casa. A saudade dos colegas é grande, e não há plataforma virtual que suplante. As discussões de pautas com todos no dia a dia fazem muita falta (Jornalista 10).

Como apontam os depoimentos colhidos, na distância de alguns passos entre as bancadas, repórteres e editores(as) discutem pautas, tiram dúvidas, repassam informações, reestruturam os repertórios de práticas e condutas, e ainda compartilham a vida: comemoram aniversários, conversam sobre assuntos para além do trabalho. As

plataformas, ainda que já fossem utilizadas como meio de sociabilidade entre jornalistas antes da pandemia, não parecem suprir integralmente esse aspecto.

Considerações finais

Entre as muitas implicações da pandemia da Covid-19 num país com o Brasil, em que mais de 670 mil pessoas perderam a vida em razão da doença, a importância do ambiente doméstico foi alavancada ao status de uma pauta social para a qual são necessárias políticas mais assertivas. Seja considerando aspectos básicos como a salubridade das residências, seja reforçando as garantias sociais para os trabalhadores que desempenham suas atividades a partir do ambiente doméstico, parece imprescindível considerar a casa como um espaço complexo, em que são refratadas, ou mesmo postas sob lente de aumento, contradições e opressões que se apresentam como fenômenos sociais da porta para fora.

Nesta investigação exploratória, buscamos delinear, a partir das particularidades do trabalho de jornalistas cearenses, atributos da plataformização das práticas profissionais em ambientes de redação integrada num período pandêmico. A dependência de ferramentas, como mensageiros, salas de reunião e suítes colaborativas para a realização de etapas do trabalho jornalístico surge, nos dados analisados, de maneira concomitante a outras demandas oriundas da adoção da modalidade de teletrabalho entre os jornalistas, como a transferência ou adaptação de tecnologias de edição, publicação e monitoramento dos conteúdos para a residência dos profissionais.

Dois anos depois da primeira onda de Covid-19, entrevistas semiestruturadas com participantes da pesquisa (etapa ainda em andamento) começam a indicar que algumas mudanças podem se tornar permanências: o *home office* realmente vem sendo adotado em casos específicos, como plantões de fim de semana, reuniões eventuais e adoecimentos. Esta última circunstância aponta para um caminho preocupante: o uso do trabalho remoto para obrigar o(a) trabalhador(a) afastado(a) por licença médica a manter-se ativo(a). Alia-se a isso o uso intensificado das plataformas para o desenvolvimento da atividade jornalística e contemplamos mais uma faceta perversa de exploração do trabalho: a intermitência digital, na saúde e na doença, conquistada por determinação direta ou por coerções simbólicas dos(as) superiores(as).

Na relação dialética entre ferramentas e presença humana, entre distância e proximidade dos acontecimentos jornalísticos, flagrada nos dados analisados, parece emergir uma configuração movediça, difusa, dos modos de trabalhar dos jornalistas. Uma problemática sobre a qual, possivelmente, vamos seguir nos debruçando por bastante tempo após o encerramento da pandemia da Covid-19.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, L. C. Uberização: a era do trabalhador just-in-time?. **Estudos avançados**, v. 34, p. 111-126, 2020.

ARAÚJO, M. **Da integração ao home office** - rupturas de *habitus* e imagens do si em redações e jornalistas cearenses. Em fase de elaboração.

BARROS, J. V.; MARQUES, A. F.; KINOSHITA, J.; MOLIANI, J. A.; SILVA, N. R.; GROHMANN, R. A plataformação do trabalho jornalístico: dimensões, regime de publicação e agenda de pesquisa. **Avatares de la comunicación y la cultura**, n. 21, p. 1-21, 2021. ARK: <http://id.caicyt.gov.ar/ark:/s18535925/kvf39ktoa>. Acesso em 10 jun. 2022.

BRASIL. Lei nº 13.467, de 13 de julho de 2017. Altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 14 jul. 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13467.htm. Acesso em: 10 jul. 2022.

BELL, E. J.; OWEN, T.; BROWN, P. D.; HAUKA, C.; RASHIDIAN, N. A Imprensa Nas Plataformas: Como o Vale do Silício reestruturou o Jornalismo. In: **Revista de Jornalismo ESPM**. São Paulo: ESPM, jul-dez. 2017. p 49-83.

CASILLI, A.; POSADA, J.. The Platformization of Labor and Society. In: GRAHAM, M.; DUTTON, W. (Orgs.). **Society and the Internet**. Oxford: OUP, 2019, p. 293-306.

CHRISTOFOLETTI, R. **A crise do jornalismo tem solução?** Estação das Letras e Cores, Edição Kindle, 2019, Não Paginada.

COSTA, R. R.; SILVA, N. R.; ARAÚJO, M. C. B.; LIMA, R. C. B. **Arranjos alternativos de trabalho em jornalismo no Ceará**: relações de comunicação e condições de trabalho. Fortaleza: PRAXISJOR-UFC, 2020.

COSTA, R. R.; SILVA, N. R. **Como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia da Covid-19?** Dados do Ceará. Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT-ECA-USP) e PRAXISJOR-UFC, 2020.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**. Boitempo Editorial, 2017.

FAIRWORK. **Fairwork Brasil 2021**: Por Trabalho Decente na Economia de Plataformas. Oxford, 2021.

-
- GOES, E. F.; RAMOS, D. O.; FERREIRA, A. J. F. Desigualdades raciais em saúde e a pandemia da Covid-19. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, 2020, e00278110. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00278
- GROHMANN, R. Plataformização do trabalho: entre dataficação, financeirização e racionalidade neoliberal. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**, v. 22, n. 1, p. 106-122, 2020.
- FENAJ. **Mães jornalistas e o contexto da pandemia**. Brasília, 2020.
- FENAJ. **Dossiê jornalistas vitimados pela Covid-19**. Brasília, 2022.
- FÍGARO, R. (org.). **Como trabalham os comunicadores no contexto de um ano da pandemia de Covid-19...1 ano e 500 mil mortes depois**. São Paulo: ECA-USP, 2021.
- JURNO, A. C. **Facebook e a Plataformização do Jornalismo** - uma cartografia das disputas, parcerias e controvérsias entre 2014 e 2019. 2020. 225 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.
- LASTER PIRTLE, W. N. Racial Capitalism: A Fundamental Cause of Novel Coronavirus (COVID-19) Pandemic Inequities in the United States. **Health Education & Behavior**, v. 47, n. 4, 2020, p. 504–508. <https://doi.org/10.1177/1090198120922942>.
- LIMA, S. P. (coord.). **Perfil do Jornalista Brasileiro 2021** - características sociodemográficas, políticas, de saúde e de trabalho. Florianópolis: Quorum Comunicação, 2022.
- POELL, T.; NIEBORG, D.; VAN DIJCK, J. Plataformização. **Fronteiras** - estudos midiáticos, v. 22, n. 1, p. 2-10, 2020.
- POSETTI, J.; BONTCHEVA, K., 2020. Disinfodemic: Deciphering COVID-19 disinformation. **Policy brief**: UNESCO. 2020. Disponível em: https://en.unesco.org/sites/default/files/disinfodemic_deciphering_covid19_disinformation. Acesso em: 20 dez. 2020.
- SENRA, R. Uber transforma derrota judicial em marketing com oferta de férias e salário mínimo, mas não no Brasil. **BBC Brasil**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57990721>. Acesso em: 11 jul. 2022.
- SOLON, M.; ARAÚJO, M.; RODRIGUES, N.; VIDAL NUNES, M. O trabalho de mulheres jornalistas durante a pandemia da Covid-19: um estudo de caso dos reordenamentos produtivos no Ceará. **Revista Inter-Legere, [S. l.]**, v. 3, n. 28, p. c20842, 2020. DOI: 10.21680/1982-1662.2020v3n28ID20842. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/20842>. Acesso em: 15 jul. 2022.